

AVIVAMENTO DE ASBURY: PROBLEMATIZANDO ALGUNS CRITÉRIOS UTILIZADOS PARA SUA AVALIAÇÃO

Vanderlei Frari *

INTRODUÇÃO

Em meados de março deste ano, tive a oportunidade de me encontrar com o Dr. Gregg Okesson, vice-presidente acadêmico da *Asbury University* e membro do Conselho do *Asbury Theological Seminary*. Fazia pouco mais de um mês que ouvíamos muitas coisas sobre os acontecimentos iniciados em 8 de fevereiro na capela da instituição, o chamado *Hughes Auditorium*. Aquela foi uma oportunidade única para se obter informações mais precisas sobre o tão falado avivamento de Asbury, já que se tratava de pessoa ligada à instituição e testemunha ocular de boa parte dos fatos.

Em alguns minutos, Dr. Okesson fez um breve relato do culto que desencadeou o despertar espiritual dos estudantes, bem como, de seus desdobramentos por vários dias e para além do campus de Asbury. O culto ininterrupto de louvor, adoração, testemunhos e confissão se estendeu até o dia 24 de fevereiro, data em que a instituição precisou encerrar, oficialmente, os trabalhos no *Hughes Auditorium*, em função de uma série de fatores limitantes. Dentre eles, o esgotamento físico de professores, funcionários e voluntários que acompanhavam os trabalhos, providenciando comida, água, banheiros limpos e segurança para alunos e visitantes. Ademais, o alto fluxo de veículos começou a causar transtornos na pequena Wilmore, cidade com não mais de 6.000 habitantes, mas que recebera cerca de 70.000 pessoas em duas semanas. À época, movimentos semelhantes já estavam se espalhando para outras instituições universitárias cristãs¹.

* Bacharel em Teologia pelo ISBL (1997), com convalidação pela UniCesumar (2010) e mestre em Ciências Sociais pela UEL (2017). Atualmente é Diretor Acadêmico do ISBL e Presidente do Conselho de Pastores de Londrina

¹ Samford University, no Alabama; Lee University, no Tennessee; Cedarville University, de Ohio; Baylor, Belmont, Campbellsville, Hannibal-LaGrange University, Valley Forge, Milligan e outras.

A percepção obtida através dos relatos do Dr. Okesson foi importante para clarificar alguns ecos distorcidos oriundos das redes sociais. Por alguma razão, nos dias imediatos ao início do evento, as redes foram inundadas de *posts*, opiniões e *lives* sobre o assunto. Boa parte das manifestações era de natureza positiva¹, entusiasta, mas havia, também, certa dose de ceticismo e julgamento². No lado negativo do espectro, sem que houvesse tempo para análises mais aprofundadas ou para a manifestação de efeitos práticos, teólogos e leigos qualificaram os eventos de Asbury como mero emocionalismo alavancado pelas redes sociais, uma espécie de fenômeno religioso viral. Esta, obviamente, não era a percepção de alguém de dentro e, também, não era a de outros colegas norte-americanos com os quais tive a oportunidade de conversar.

PROPÓSITO

Não é meu objetivo, neste breve texto, discutir as divergências de opiniões, até porque são derivadas de posicionamentos teológicos específicos, os quais tratam, de maneiras distintas, a ação do Espírito e as reações humanas à esta ação. Ao longo da história dos avivamentos, críticas foram muito frequentes, partindo, muitas vezes, do seio da própria igreja. A História sugere que, em situações extraordinárias do agir do Espírito, o ceticismo é acentuado na mesma proporção em que fé é incendiada. A razão principal dessa disparidade de percepções é o desconforto que o estado de anormalidade provoca nas pessoas. Sendo o avivamento/despertamento um evento extraordinário, é natural que as pessoas fiquem desconfortáveis com aquilo que não compreendem muito bem e passem a criticar o movimento. Mas o maior perigo está quando as pessoas supõem que entendem exatamente o que está acontecendo.

¹ Caso digno de nota foi o posicionamento do Rev. Augustus Nicodemus Lopes, em *live* realizada no dia 15 de fevereiro, disponível em sua página do Instagram. Segundo o teólogo, todo avivamento deve ser julgado pelos seus frutos e Asbury merece o benefício da dúvida, até que o tempo revele os resultados palpáveis do despertamento. Lopes também não notou distorções teológicas ou evidência de fanatismo no movimento.

² Um dos textos mais negativos vem de Shaun Willcock, do Bible Based Ministries, intitulado “O Avivamento de Asbury é uma falsificação”. Willcock é representante da ala mais fundamentalista do evangelicalismo anglo-saxão.

Neste caso, seus juízos não são balizados pela insegurança, mas por certa arrogância teológica e senso de superioridade.

Meu intuito é mais singelo. Me proponho a refletir sobre o modo pelo qual o avivamento de Asbury foi recepcionado pelas pessoas, particularmente, pela necessidade aparente que as mesmas tiveram de qualificar rapidamente o fenômeno. Eu mesmo fui indagado por alunos e colegas sobre a veracidade do avivamento e não pude deixar de notar muitas suspeitas por parte de formadores de opinião e lideranças. Julgo pertinente esta reflexão não somente em função das divergências de opiniões sobre assunto, mas, sobretudo, porque a pressa para se determinar se o derramamento³ de Asbury foi verdadeiro ou forjado por uma combinação de elementos da cultura pode provocar um efeito imunizatório sobre a Igreja, a qual é chamada, permanentemente, para se renovar através da ação do Espírito.

Divido a reflexão em três tópicos, que representam critérios objetivos de julgamento, relativamente consolidados na mente evangélica tradicional, os quais devem ser problematizados mediante uma análise mais crítica: [1] o critério da Ortodoxia, [2] o critério do precedente histórico e [3] o critério dos resultados perenes. A partir destes critérios, uma determinada experiência de natureza espiritual será tida por genuína se demonstrar conformidade com a sã doutrina, se produzir, de maneira perene, os efeitos prescritos nas Escrituras Sagradas e se seguir, minimamente, os padrões observados em eventos análogos na história da Igreja. Apesar de aparentar uma posição sensata, é importante observar que nem todos os avivamentos/despertamentos da história cristã estiveram plenamente alinhados com tais critérios. Na verdade, cada evento foi condicionado pelo seu próprio contexto socio-histórico, denominacional e cultural. Eis o nosso ponto!

40

O CRITÉRIO DA ORTODOXIA

Indivíduos e comunidades necessitam de parâmetros doutrinários, os quais balizam suas convicções e comportamento. Ainda que não haja unanimidade com

³ Seguindo Craig Keener, preferimos este termo, em vez de “avivamento”, devido à sua abrangência local, curta duração e características.

relação a estes parâmetros, podemos afirmar que uma mínima concordância seja possível entre cristãos e igrejas. Chamamos a este mínimo de “doutrinas centrais”, essenciais para que a confissão de fé seja qualificada de cristã (Trindade, salvação pela Graça, Justificação, morte vicária de Cristo etc.)⁴. Ao redor das doutrinas centrais, doutrinas periféricas ou de segunda grandeza orbitam, mas podem, eventualmente, ocupar lugar das centrais, o que causaria distorções importantes na trama teológica. De qualquer forma, as doutrinas periféricas são caracterizadas, do ponto de vista de toda a Cristandade, por certa falta de unanimidade. Como exemplo, citamos as diversas concepções de natureza escatológica, as teorias sobre a constituição do ser humano (tricotomia versus dicotomia), o escopo da abrangência dos dons arrolados no Novo Testamento, as formas de governo eclesiástico etc.

Em outras palavras, as doutrinas centrais identificam o Cristianismo, enquanto que as periféricas identificam o denominacionalismo dentro do Cristianismo. Não são, necessariamente, incompatíveis, a menos que as doutrinas centrais sejam ofuscadas.

41

Com relação aos avivamentos registrados na História da Igreja, é possível se observar a presença marcante das doutrinas basilares da fé cristã. Um mínimo denominador comum teológico pode ser identificado em tais eventos, tais como a centralidade da salvação em Cristo e a necessidade de arrependimento e conversão. Contudo, com relação às doutrinas periféricas, a irregularidade se destaca, uma vez que cada avivamento irrompeu em contextos denominacionais e culturais distintos, nos quais hermenêuticas específicas moldavam a compreensão teológica das partes envolvidas. Assim, não raramente, doutrinas secundárias ocuparam lugar de destaque aqui e acolá⁵, sem, contudo, comprometer o cerne do avivamento.

O critério da Ortodoxia, portanto, deve ser aplicado tendo-se em mente nossas limitações epistemológicas. O todo não poderá ser julgado pelas partes. Esta sensibilidade é importante, a fim de que a obra do Espírito não seja desprezada por conta de filigranas conceituais. Li alguém, por exemplo, que condenou o movimento de Asbury por conta da ausência da pregação do Evangelho e conversões. Confesso que este critério é subjetivo demais, visto que muitos estudantes e visitantes que

⁴ Em geral, credos estabelecidos nos primeiros concílios ecumênicos da Igreja.

⁵ Uma breve vista na história dos avivamentos revelará diversas ênfases: oração, vida interior, obra missionária, dons do Espírito, filantropia etc.

passaram por aquele lugar possuíam precedentes com a fé cristã e estavam em busca de um aprofundamento na mesma⁶. Isso não exclui, obviamente, a possibilidade de reconciliação pessoal com Deus, por parte daqueles que estavam frios ou afastados da comunhão cristã, ou eventuais conversões a Cristo. Reconciliações ocorreram de maneira efusiva ao longo daquelas duas semanas e conversões foram registradas.

Importante destacar que não estamos aderindo à uma análise meramente fenomenológica⁷, que evita juízos de valor, preocupando-se apenas com aquilo que é experimentado pelo indivíduo. Não se trata de vale-tudo teológico, que trata todo suposto avivamento como genuíno. Estamos cientes das ilusões promovidas pelo discurso religioso manipulativo e pelo desejo, por parte das massas, por uma experiência transcendente. Por isso, talvez, as palavras de Jonathan Edwards, grande teólogo e avivalista do século XVIII, nos sejam úteis.

Na primavera inúmeras flores e frutos novos aparecem fluorescentes e prometem muito, depois caem e não dão em nada. Assim uma boa chuva faz com que cogumelos apareçam, bem como, plantas boas para crescer, e estraga muitas frutas, levando outras à perfeição. Na primavera do ano, quando os pássaros cantam, os sapos e as rãs também coaxam (In LOVELACE: 2004, p. 234).

42

Edwards, que fora vítima de inúmeras críticas por parte de teólogos mais racionalistas, compreendeu a impossibilidade de se julgar um avivamento a partir de critérios puramente objetivos. Por isso, insistiu que avivamentos representam uma mistura de Graça e carnalidade, pois o pecado que habita as pessoas pode “irromper de modos espetaculares na ocasião da conversão” (Ibid, p. 226). Sua compreensão da psiquê humana e o modo como ela reage à manifestação do sagrado suplantara a de muitos de seu tempo. De igual modo, Edwards notou que o desejo, por parte de líderes, de contingenciar um avivamento representa soberba espiritual e *per si*

⁶ Para ser sincero, creio que o aparato doutrinário não era a preocupação central dos participantes ou da instituição. Tudo o que eles queriam era manter as coisas como elas começaram. Como disse um diretor dos alunos, “Queremos ser fiéis à forma como o Espírito Santo se manifestou entre os nossos alunos”, fazendo alusão à maneira suave e reverente das primeiras horas do derramamento.

⁷ A Fenomenologia da Religião busca compreender as experiências religiosas a partir da perspectiva do indivíduo que as vivencia. Isso não significa que ela ignore ou minimize a importância dos fatores externos que podem influenciar essas experiências.

preuncia o fim do mesmo. Falava daqueles que buscavam refúgio para seus pecados na Ortodoxia e no dogmatismo:

O orgulho espiritual é muito dado a suspeitar os outros; enquanto que é de si mesmo que um santo humilde tem maior ciúme, pois não suspeita nada no mundo tanto quanto seu próprio coração. A pessoa que é espiritualmente orgulhosa é capaz de encontrar defeito em outros santos, achar que são inferiores em graça; e estar observando muito como são frios e mortos; e ser rápido em discernir e reparar suas deficiências (Ibid, p. 234).

A lição que podemos extrair de um observador arguto, tal como Edwards, é que existe certa ambivalência entre as forças envolvidas em um avivamento, não sendo possível qualquer forma de controle sobre os agentes ativos e reativos. Trata-se dos limites da humanidade diante do insondável, incluindo suas virtudes e debilidades. Diante de tal ambiguidade, discernimento, paciência e humildade são vitais. O critério da Ortodoxia, portanto, deve ser aplicado com moderação e bom senso. Julgar um movimento a partir das divergências teológicas pessoais ou denominacionais leva ao mesmo erro dos fariseus, que acusaram Jesus de expelir demônios pelo poder de Belzebu⁸. A advertência de Jesus deveria provocar certo temor em todos nós: “*Todo o reino dividido contra si mesmo é devastado; e toda a cidade, ou casa, dividida contra si mesma não subsistirá*”.

43

O CRITÉRIO DO PRECEDENTE HISTÓRICO

Não é incomum, diante do novo, apelarmos para a segurança daquilo que é conhecido e familiar. Por isso, julgamos algo ou alguém a partir de experiências pregressas. Preferimos a repetição de padrões ao caos, o controlável ao indomável. Este mesmo mecanismo de defesa e sobrevivência tem sido aplicado por pessoas e denominações quando pretendem analisar ou emitir opiniões acerca de eventos que fogem à normalidade. Assim, algo pode ser considerado verdadeiro ou falso a partir da presença ou não de precedentes históricos semelhantes ou de determinados padrões. Em termos de avivamento, trata-se da busca pelo *modus operandi* do

⁸ Mateus 12.22-28.

Espírito de Deus. Julgo saudável a adoção deste critério, mas, novamente, é preciso advertir sobre suas limitações.

A análise histórica dos avivamentos, desde o Antigo Testamento, não revela padrões rígidos para o agir do Espírito de Deus. Conforme o testemunho das Escrituras e eventos por ela relatados, a personalidade do Espírito é marcada pela imprevisibilidade⁹. Acrescente-se a isso o fato de que as pessoas não são iguais e reagem ao agir do Espírito de variadas formas, em geral determinadas por uma série de fatores, dentre os quais citamos o nível de conhecimento prévio da religião, a personalidade, as crises experimentadas, o contexto socio-histórico etc. Ao final das contas, quando procuramos por padrões para o agir do Espírito Santo, não estamos identificando o seu agir, em si, mas, a reação das pessoas ao seu agir. Usando a metáfora de Jesus, ouvimos o vento e vemos seus efeitos, mas não podemos apreendê-lo¹⁰. Portanto, quando falamos de padrões históricos para os avivamentos, necessariamente, não falamos de como o Espírito agiu aqui e acolá, mas de como as pessoas reagiram. E mais. Trata-se de uma análise puramente exterior, visto que foge à nossa capacidade de descrição os aspectos interiores do indivíduo.

Assim, a julgar pelas reações psíquicas dos fiéis e pelas manifestações visíveis atribuídas ao Espírito Santo, os paralelismos encontrados nos avivamentos dos últimos cinco séculos não são simétricos, sejam eles católicos ou protestantes. A razão para tanto está nas ênfases dadas pelos principais agentes dos avivamentos e suas compreensões da dinâmica da vida cristã e eclesiástica. Novamente, as hermenêuticas particulares, moldadas pelas grandes confissões teológicas, são determinantes para a análise fenomenológica do evento. John Wesley, por exemplo, desestimulou manifestações físicas e dons extáticos, por temer a distorção causada pelo emocionalismo, mas o mesmo não pode ser dito dos avivamentos promovidos

⁹ Evidência de seu agir multifacetado são os vários pentecostes relatados no livro de Atos dos Apóstolos: At 2.1-13; At 8.14-17; At 10.44-48 e At 19.1-7.

¹⁰ João 3.8.

por Charles Finney¹¹ e William Seymour¹², nos quais reações físicas e manifestações de dons espirituais eram abundantes.

Portanto, qualquer tentativa de se qualificar um determinado evento, a partir das reações físico-psíquicas experimentadas pelas pessoas, deve estar ciente da fragilidade de tal intento. Pessoas reagem à manifestação do sagrado de maneiras únicas, mesmo na ausência de qualquer indução ou sugestão. Sendo os avivamentos pontuais uma excrescência da vida cristã cotidiana, os mesmos estão sujeitos ao “efeito contágio”¹³, fazendo com que as manifestações não sejam controladas pelos seus agentes promotores, contudo, fatores do entorno cultural podem determinar o modo particular ou coletivo de expressão religiosa¹⁴. Jovens da Geração Z, que cantavam por horas, oravam uns pelos outros e se confessam de joelhos, como ocorreu em Asbury, não podem ser comparados às pessoas que se agarravam aos bancos do templo, temendo serem lançadas ao Inferno, ao ouvirem Jonathan Edwards

¹¹ Certos ramos protestantes desqualificam o Segundo Grande Despertamento de Charles Finney em decorrência das manifestações físicas presentes em suas campanhas, tais como: “riso santo”, “correr no Espírito”, “pular no Espírito”, “gritos delirantes” e espasmos corporais. Estas manifestações, contudo, não podem ser usadas para desabonar o ministério de Finney, visto que outras ênfases positivas se destacaram: a necessidade de uma conversão pessoal e imediata; o senso de integração em comunidade; o envolvimento dos leigos na evangelização e a remoção das barreiras denominacionais.

¹² De igual modo, o Avivamento da Rua Azusa também sofreu críticas severas por parte das denominações majoritárias, devido à sua ênfase nos dons extáticos do Espírito e cura. Para teólogos e denominações cessacionistas, o maior avivamento do Século XX tinha pouca palatabilidade, sendo considerado por George Campbell Morgan, por exemplo, “o último vômito de Satanás” (apud ALENCAR: 2014, p. 228).

¹³ Toda experiência religiosa pode sofrer um efeito de contágio, onde a participação em um evento ou grupo religioso pode levar a uma experiência religiosa compartilhada por um grande número de pessoas. Este efeito pode ser influenciado por vários fatores, como a presença de um líder carismático, a emoção compartilhada entre os participantes, a música, os rituais, a narrativa compartilhada etc. No entanto, o efeito contágio não é necessariamente uma indicação de que a experiência religiosa é inautêntica. Apenas indica que uma dada experiência foi compartilhada entre os iguais, podendo, de igual modo, ser significativa e transformadora para os todos que as vivenciam.

¹⁴ Os dois grandes despertamentos religiosos norte-americanos foram caracterizados por um fervor religioso renovado, que levou a uma série de mudanças significativas na sociedade americana. Contudo, fatores sociais prévios contribuíram para esses despertamentos: [1] Influências do Iluminismo, com maior ênfase na razão e na ciência, o que levou muitas pessoas a se voltarem para a religião como uma fonte de orientação e significado; [2] Desigualdade social, com muitos ricos e muitos pobres, que levou a uma crescente sensação de injustiça e a uma maior ênfase na justiça social na pregação religiosa; [3] Insegurança causada pelos temores ou efeitos das duas guerras americanas (Independência e Secessão); [4] Crescimento populacional e urbanização, provocando uma perda de identidade comunitária e isolamento social; [5] Maior diversidade religiosa com chegada de imigrantes, levando a um aumento da concorrência religiosa e a uma maior ênfase na religiosidade pessoal.

pregar “Pecadores nas mãos de um Deus irado”. São contextos culturais distintos, convicções teológicas distintas, crises e tensões distintas¹⁵!

Asbury deve ser analisado à luz de Asbury! A instituição possui uma tradição de derramamentos, desde sua fundação, em 1890: fevereiro de 1905, 1908, 1921 e 1950, março de 1958, fevereiro de 1970, março de 1992 e fevereiro de 2006 e 2023. Relatos de cada uma destas ocasiões são abundantes nos registros da própria instituição, especialmente em suas revistas acadêmicas, publicadas desde 1945. Se há algo que pode ser dito de todas estas ocasiões é que foram marcadas por um espírito de reverência, oração abundante, adoração contínua, confissão de pecados e um senso de propósito renovado, o que levou centenas de estudantes a se tornarem ministros, missionários e leigos atuantes no Reino de Deus. Nas palavras de inúmeras testemunhas, o local sempre foi marcado pela “presença soberana de Jesus”¹⁶.

O CRITÉRIO DOS RESULTADOS

46

Jesus foi enfático: “*Semelhantemente, toda árvore boa dá frutos bons, mas a árvore ruim dá frutos ruins. A árvore boa não pode dar frutos ruins, nem a árvore ruim pode dar frutos bons*”¹⁷. Parece ponto pacífico que a autenticidade de um avivamento só pode ser aferida a partir dos resultados a médio e longo prazos, tais como: transformação profunda de vida, restauração de relacionamentos no âmbito pessoal e comunitário, retorno às Escrituras Sagradas e certo impacto no entorno social, visto que indivíduos e comunidades passam a compreender seus propósitos no mundo.

¹⁵ Sobre o modo peculiar como cada geração responde ao agir divino, é interessante observar o comentário de Dennis Kinlaw, diretor do Asbury Seminary, à época do avivamento da década de 1970. Ele se perguntava pela razão de o avivamento ter iniciado na capela da universidade, em vez de na capela do seminário que formava ministros. Deve haver uma dezena de respostas para essa pergunta, mas é bem provável que tenha relação com dois aspectos. Em primeiro lugar, a universidade abrigava pessoas que sentiam mais fortemente as tensões da revolução cultural da década de 1960 e todos os conflitos que ela gerava ou denunciava. Em segundo lugar, não é incomum que alunos de uma universidade cristã dos anos 1970 estivessem vivendo uma espiritualidade “morna”. Muitos deles estavam lá não pela fé fervorosa de seus pais, mas por conveniência familiar, geográfica ou financeira.

¹⁶ Ver GYERTSON: 2013 e JAMES: 1957 para relatos pormenorizados.

¹⁷ Mateus 7.17-18.

Do ponto de vista da duração dos frutos, os grandes avivamentos entraram para a História não somente pelo impacto provocado em seu momento temporal imediato, mas, sobretudo, pelos resultados sentidos ao longo de décadas ou gerações. Diz-se que o avivamento de Whitefield e dos irmãos Wesley, por exemplo, poupou a Inglaterra de uma revolução sangrenta e promoveu melhorias significativas na vida moral da sociedade, além de impactá-la positivamente em vários setores fragilizados pela desigualdade e injustiça. Fato é que os efeitos de um dado avivamento sempre serão sentidos de maneira imediata e estendida e não podemos mensurá-los linearmente, pois suas contribuições à Cristandade se remontam e se sobrepõem, em uma espécie de espiral ascendente.

Pela própria natureza do que está em jogo em avivamentos e despertamentos, o critério dos frutos demandará tempo para ser aplicado. Ainda assim, o termo “resultados” denota certo relativismo. De que maneira podemos aferir os resultados de uma experiência religiosa particular e subjetiva? Que instrumentos ou indicadores seriam usados para tal empreendimento? Temos a capacidade de avaliar, minimamente, a experiência alheia sem sermos afetados pelos próprios preconceitos ou pressupostos? Portanto, quando avaliamos os resultados de um dado movimento, não o fazemos a partir da observação de seu impacto em indivíduos somente, mas, sobretudo, a partir da observação dos efeitos sentidos na coletividade. Isso demanda tempo!

Assim, exigir efeitos imediatos do derramamento de Asbury, para além daquilo que podemos observar momentaneamente, não parece ser coerente e justo. Tudo o que temos é o que podemos observar e precisaremos de alguns anos ou décadas para compreendermos seus desdobramentos. Um de meus saudosos professores do curso de Teologia é um norte-americano, que teve sua experiência de chamado para o campo missionário enquanto era aluno do *Asbury Seminary*, no final da década de 1960. Participou ativamente do famoso avivamento de fevereiro de 1970, neste mesmo campus. Ainda hoje, testemunha do impacto permanente que aquele avivamento teve sobre sua vida, igreja e ministério, levando-o a servir por 42 anos no campo missionário e promovendo santidade de vida no âmbito pessoal. Segundo ele, muitos dos seus colegas daquela época, compartilham de histórias semelhantes.

Se quisermos emitir um juízo preciso sobre o derramamento de Asbury, a partir do critério dos frutos, precisaremos nos calar até a estação devida. Será preciso aguardar até que a experiência de despertar daqueles estudantes possa produzir maturidade, engajamento, serviço e protagonismo social. Tudo o que podemos dizer de uma semente é que ela tem potencial para se tornar uma árvore frutífera, mas será preciso esperar até que ela exista. Por hora, o derramamento de Asbury nos parece promissor¹⁸!

CONCLUSÃO

Neste texto, procurei de maneira simples e didática abordar os critérios que habitualmente utilizamos para avaliar e julgar eventos religiosos de natureza extraordinária, os chamados avivamentos/despertamentos. Meu intuito foi problematizar tais critérios, extraíndo deles seu caráter puramente objetivo, a fim de promover uma postura mais tolerante, irênica e condizente com o mandamento de amor, tão enfatizado na Palavra de Deus. Apesar de simpatizar com o derramamento de Asbury e entender que “Deus estava naquele lugar”, procurei me distanciar do objeto, a fim de observá-lo de maneira imparcial. Se atingi meu intento, o leitor julgará.

48

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Gedeon Freire de. Pentecostalismos e ecumenismos: Deus e o diabo se (des)entendendo na terra do sol. **Caminhos**, Goiânia, v. 12, n. 1, p. 220-239, jan./jul. 2014.

GYERTSON, David J. (ed.). **One divine moment**: The Account of the Asbury Revival of 1970. Wilmore, Kentucky: First Fruit Press, 2013.

¹⁸ Como observou o teólogo Craig Keener, observador atento do derramamento em questão e docente do *Asbury Theological Seminary*, todas as evidências externas dão a entender que a efusão do Espírito no campus de Asbury foi legítima e genuína. Keener destaca quatro marcas principais do movimento: [1] Graça espontânea, [2] reverência pela santidade de Deus, [3] adoração sincera e [4] unidade interdenominacional. Além disso, segundo Keener, houve um cuidado por parte das lideranças da instituição para que o movimento não fosse sequestrado por agendas políticas ou indivíduos de renome (apesar de algumas tentativas, conforme relato em <https://www.christianitytoday.com/news/2023/february/asbury-revival-outpouring-protect-work-admin-volunteers.html>).

JAMES, Henry C. (ed.). **God's people revived**: an account of the spontaneous revival at Asbury College in February 1950. Wilmore, Kentucky: Seminary Press, 1957.

KEENER, Craig. **The outpouring at Asbury University**: Responding to a critic. Bible Background, 19 fev. 2023. Disponível em: <https://craigkeener.com/the-outpouring-at-asbury-university-responding-to-a-critic>. Acesso em: 2 maio 2023.

KINLAW, Dennis. **A Revival Account**: Asbury 1970. JCR4Runner Channel, 20 jul. 2008. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=7qOqitLKUNs>>. Acesso em 28 abr. 2023.

LELIÈVRE, Mateo. **João Wesley**: sua vida e obra. São Paulo: Vida, 1997.

LOVELACE, Richard F. **Teologia da Vida Cristã**: as dinâmicas da renovação espiritual. São Paulo: Shedd Publicações, 2004.

WILLCOCK, Shaun. **The Asbury “Revival” is a Counterfeit**. Bible Based Ministries, 10 mar. 2023. Disponível em: <https://www.biblebasedministries.co.uk/2023/03/10/the-asbury-revival-is-a-counterfeit>. Acesso em: 27 abr. 2023.